

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

OS BANDOS ESCOLÁSTICOS DA FESTA DE S. NICOLAU.

MEIRA, João de

Ano: 1905 | Número: 22

Como citar este documento:

MEIRA, João de, Os bandos escolásticos da festa de S. Nicolau. *Revista de Guimarães*, 22 (3-4) Jan.-Jun. 1905, p. 161-163.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

OS BANDOS ESCOLASTICOS

DA

FESTA DE S. NICOLAU

Entre as usanças da tradicional festa de S. Nicolau, celebrada pelos estudantes de Guimarães desde data incerta mas bastante remota, comprehendia-se, e comprehende-se ainda, um Bando ou Pregão em verso que, como especie de programma da festa, era declamado nas ruas e praças por um dos academicos festeiros.

Esses Bandos, além de recitados, começaram a ser impressos em 1847, existindo na Bibliotheca da Sociedade Martins Sarmento uma collecção em que só falta o de 1882.

N'este mesmo anno de 1847, no volume posthumo das *Poesias* do dr. João Evangelista de Moraes Sarmento, se publicaram os Bandos escolasticos de 1817, 1818, 1819 e 1822, que o medico portuense escrevera durante a sua longa permanencia em Guimarães.

Dos Pregões de S. Nicolau nenhum mais vira a luz da publicidade.

Mas um velho entusiasta das festas escolares, Antonio Joaquim d'Almeida Gouvêa, ha pouco fallecido, tinha archivado manuscriptos certo numero de Bandos, dos quaes o nosso amigo, snr. Abbade de Tagilde, poude haver copias que offereceu à Bibliotheca da Sociedade Martins Sarmento.

São esses os que agora publicamos, juntando-lhe um outro Bando que em 1870 os estudantes dissidentes fizeram recitar por Joaquim Peixoto d'Abreu Vieira, e que também existe manuscrito na mesma Bibliotheca.

Salvamos assim do perigo d'extravio ou destruição, documentos que podem um dia constituir interessantes subsidios para o estudo de uma das mais curiosas tradições vimaranenses.

Porto, 1905.

JOÃO DE MEIRA.

Bando escolastico — 1827

Que dias! socios meus! Vimaranenses!
 Ó patria! Ó Lusos! que brilhantes dias,
 O sol de Lysia em novo signo entrando
 Novos astros reune, e a luz redoura;
 Como scintillam! e que longas series
 Nos não deixam prever de bens, de gloria!
 Que novo lustre! que porvir! que alento
 Ao commercio fiel, á industria, ás artes,
 Sua força vae dar seu claro influxo!
 Que certa esperanza de Minerva aos filhos,
 Que por arduos caminhos procurando
 O bem da patria, o seu bem, seu premio,
 Já não receiam escureça o merito.
 Juventude briosa, eis nosso estimulo!
 Nossos foros, liberdades justas,
 Jámais nos roubará mão arbitraria.
 De Jove a duplice, cerebrina prole,
 Minerva, Astrea, que nem sempre juntas
 Se tem mostrado no moral concurso,
 Desde hoje se verão p'ra sempre unidas.
 E não são estes de Saturno os dias?
 Não volve a Portugal a idade d'ouro?
 Oh! proficua estação a todos grata!
 Duradoura estação, mas p'ra nós outros
 Que dia vae raiar entre estes dias!
 Lá quando no horisonte as roseas portas
 De novo a Aurora abrir, mostrar ao mundo
 O dia fausto do pastor de Nisia,
 No dia d'âmanhã nossa alegria,
 Um doce entusiasmo e nobre brio,
 Mostrará que sabemos por prudentes
 Unir com sabias leis antigos usos.

« Tu bem o sabes já, gordo rendeiro,
 « Não queiras ser este anno marralheiro.
 « Respeita a propriedade, que é sagrada,
 « E não dês do peor, que é velhacada.
 « As maçãs, d'ouro não, mas tão perfeitas,
 « Tão dignas de ser dadas, ser acceitas.
 Que entre as bellas toucadas não irrite,
 Mas a fagueiros risos as excitem
 As castanhas que sejam bem assadas,
 Bem seccas, limpas e lauritostadas.
 Pois sómente por termol-as perdidas
 É que Titiro usava das cozidas.
 As nozes chamar-te-hão pragas mordazes
 Se pedras as acharem os rapazes.
 E os tremoços se mellados forem
 Serão para te emplastarem e comporem.
 Reduzida que seja a palha a bom dinheiro
 Fica a palha para ti no teu celleiro.
 Porque gazella, que o estudante monta,
 Não come n'esse dia, é como tonta.
 Eis teu regimen, pois para ti ó povo
 Vou formar tambem um que não é novo.
 Não é das artes inimiga a sciencia,
 Mas dar-lhe egual valor isso é demencia.
 O sabio, o joven, que do sabio aprende,
 Se as não pratica, suas leis entende.
 Bem póde ser exímio o mestre d'arte,
 Mas fica-lhe inferior já n'esta parte.
 Tem nossa estima sim, mas não razão
 Se ingerir-se quizer n'esta funcção;
 Ella é só nossa e por direito antigo
 Nos cumpre então tratál-o d'inimigo.
 Não ha hostilidades sanguinarias,
 Mas temos para o curar receitas varias;
 Supapos, canellões, poleadellas,
 E um banho ainda mais fresco que em Caldellas.
 Não é de presumir queiram proval-as,
 Porque se a isso chegar hão de mamal-as;
 Pois não queremos que a posteridade
 Forme eguaes pretensões na impunidade.
 O mais tudo ha de ser bom, tudo pomposo,
 Que dia para nós tão venturoso!
 Depois que á rua sahir o estudante
 Não haja de repouso um só instante.
 Ao som de sua voz, se são loquazes,
 Ou ao som d'algazarra dos rapazes.
 As mães, as filhas, amas e creadas,
 Para as janellas corram apressadas.
 Té as mesmas cozinheiras d'alcateia
 Deixem aos gatos a partida ceia.
 Seja enfim geral tanta alegria,
 Porque assim o pede o tempo, assim o dia.

FIM

Recitado por Sarmiento Junior.

*